

Homilia de D. António Carrilho na celebração dos Jubileus Sacerdotais

Chamados e enviados a anunciar o Evangelho

A Igreja Diocesana está em Festa! Aqui nos congregamos, em tão grande número, na Sé do Funchal, unidos nos mesmos sentimentos de louvor e ação de graças a Deus pelo dom de Seu Filho Jesus à Humanidade, como Sumo e Eterno Sacerdote, que associa a Si mesmo, nesta missão, quem Ele próprio escolhe, chama e envia.

São muitos aqueles de nós para quem esta data tem um especial significado, quanto à sua ordenação Presbiteral. Eu próprio recorro aquela tarde de 28 de Julho de 1965, há precisamente 50 anos, em que na Sé de Faro, o então Bispo do Algarve D. Francisco Rendeiro O.P., em nome da Igreja, me chamou ao Presbiterado e me fez participante do Sacerdócio de Cristo, para o serviço do Povo de Deus. *“Como Jesus, venho para servir”* - foi o meu lema; e o símbolo, o lava-pés.

E no dia 28 de Julho de há 25 anos, foram ordenados vários sacerdotes Madeirenses, quase todos nesta Catedral, e já hoje aqui nomeados. Unimo-nos todos e associamos a nós, em especial, quantos celebram idênticos jubileus ao longo deste ano de 2015. Festa Diocesana, portanto, de profunda comunhão do nosso Presbitério e de todo o Povo de Deus da Madeira e Porto Santo, a quem somos enviados e a quem servimos, anunciando a Palavra, repartindo a graça dos sacramentos e promovendo o espírito de fraternidade, através de gestos concretos de ajuda.

Saudação e agradecimento

Neste contexto, saúdo as pessoas aqui presentes e quantos nos acompanham através da rádio (PEF), os sacerdotes jubilados, os nossos familiares e amigos, todos os que mais diretamente se encontram ligados ao nosso ministério. Eles conhecem as nossas vidas, contaram e contam connosco, por isso nos acompanham nesta hora, com a sua presença, oração e amizade.

É verdade que cada um de nós tem o seu percurso de vida e missão apostólica, dons e carismas próprios, todos porém para o serviço do bem comum, para a edificação do Corpo de Cristo que é a Igreja. Sendo muitos formamos um só corpo! Quanto a mim, não posso deixar de agradecer ao Papa Francisco a mensagem que teve a bondade de me enviar e aqui foi lida no início desta celebração. Ele recorda alguns momentos e tarefas mais significativas da minha vida de Padre e de Bispo, ao longo destes cinquenta anos (Algarve, Lisboa, Porto e Madeira), e envia uma especial Bênção Apostólica, para mim e para toda a Igreja Diocesana, ao mesmo que se confia às nossas orações. Saibamos nós corresponder a este pedido do nosso querido Papa Francisco.

Não posso, também, deixar de agradecer a presença do Sr. Bispo do Porto, D. António Francisco Santos, e dos seus auxiliares, D. João Lavrador e D. Pio Alves de Sousa, e do Vigário Geral Pe. Américo Aguiar. É uma presença que muito me sensibiliza, pois traz-nos a memória agradecida da minha bela experiência de Bispo Auxiliar, naquela Diocese, durante oito anos. E a vinda de D. José Augusto Traquina, Bispo Auxiliar de Lisboa, em representação do Sr. Cardeal Patriarca, como Metropolitano da Província Eclesiástica em que a Diocese do Funchal se integra.

A presença de sete antigos colegas do mesmo curso do Seminário dos Olivais, o Curso de Cristo-Rei, também eles a celebrarem as suas Bodas de Ouro Sacerdotais, enriquece a nossa celebração com o testemunho de fidelidade destes Padres de Lisboa (4), Aveiro (2) e Braga (1). Juntos vivemos a riqueza da formação humana e espiritual, teológica e cultural, que o Seminário nos proporcionava, e toda a expectativa de renovação da Igreja, criada em torno do Concílio Vaticano II, e que nós bem acompanhámos em todo tempo da sua realização (11 de Outubro 1962 – 8 de Dezembro 1965)

Não podendo nomear todas as pessoas que marcaram a minha vida de uma forma especial, apraz-me recordar, neste dia, com muita gratidão, toda a minha família, o pároco e catequistas de S. Clemente de Loulé (a minha paróquia); o Bispo D. Francisco Rendeiro, que me recebeu no Seminário (1953) e ordenou (1965); D. Júlio Tavares Rebimbas que, no início da minha vida sacerdotal, me abriu caminhos de responsabilidade e corresponsabilidade pastoral na Diocese; Cardeal D. António Ribeiro e D. Maurílio Quintal de Gouveia, que confiaram em mim e me chamaram para os Serviços da Conferência Episcopal; D. Manuel Madureira Dias que, como Bispo do Algarve, presidiu à minha ordenação episcopal (1999); D. Armindo Lopes Coelho, que me recebeu no Porto e de cuja inteligência e amor à Igreja muito aprendi, como Bispo Auxiliar; D. João Alves, Bispo de Coimbra, e D. António Francisco Marques, Bispo de Santarém, que muito me ajudaram na integração e trabalho dos Secretariados Nacionais a que presidi, em especial o da Educação Cristã. Para todos, vivos ou falecidos, fica a certeza da minha oração e o penhor da minha gratidão. Assim se partilha a vida, ajudando a edificar a Igreja, em todas as suas dimensões: espiritual e religiosa, cultural, solidária e fraterna.

Chamados pelo nome

“Não fostes vos que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e destinei para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça” (Jo 15, 17). Esta palavra de Jesus, que o Evangelho de S. João nos recorda, dá-nos a chave de interpretação e articulação dos textos aqui proclamados.

Todos nos revemos, no pequeno Samuel, e naquele primeiro momento em que fomos chamados pelo Senhor a segui-ÍO. É um mistério de amor, em que o próprio Deus tem a iniciativa de nos olhar e chamar pelo próprio nome: Samuel! *“Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi”*. Esta alegria deve manter-se no nosso coração, como chama viva que o Espírito Santo inspira, acende e celebra

continuamente em nós, iluminando e contagiando quem se aproxima.

Desde a nossa consagração batismal, e ao longo da caminhada em ordem ao sacerdócio, e alguns de nós, ao episcopado, Cristo, eterno Sacerdote do Pai, convidamos ao serviço humilde, alegre e diligente de permanecer com Ele, na Igreja, ao serviço dos irmãos e irmãs, particularmente dos mais pobres. *“Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permaneci no meu amor”*. O segredo da fecundidade e alegria do nosso ministério está em “permanecer sempre” com Jesus.

Também os discípulos deixaram as redes, os barcos e a família e embarcaram com Jesus para uma aventura, no mar de infinito. Todos nós, chamados a viver em intimidade com Ele e enviados em missão a anunciar o Evangelho, no ministério sacerdotal, sabemos que, por vezes, surgem tempestades, e Jesus parece dormir. Mas a sua ausência está sempre cheia da sua presença e, como Ele, o Filho, nós também *“aprendemos a obediência no sofrimento”*. Como é belo ser sacerdote! Uma graça tão grande, que agradecemos a Deus, maravilhados, e continuaremos a louvar e a agradecer na eternidade. *“Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”*. Dizia o Cura d’Ars: *“O sacerdócio é o Amor do Coração de Jesus”*.

Ano da Vida Consagrada

Celebrando esta festa jubilar no ano proposto a toda a Igreja pelo Papa Francisco, como Ano da Vida Consagrada, associamo-nos a todas as outras vocações masculinas e femininas, de especial entrega a Deus e à Igreja, para o serviço da missão, de acordo com os carismas próprios das diversas ordens e institutos religiosos. São muitos os que estão presentes nesta assembleia, nomeadamente representantes dos mosteiros contemplativos das Irmãs Clarissas da Caldeira e de Santo António. É a nossa grande Assembleia Diocesana do Ano da Vida Consagrada.

Unimo-nos a fazer memória agradecida do passado; a sentirmos o apelo a viver cada um a sua vocação, em fidelidade, coerência e alegria, no presente; a olhar o futuro com esperança, com o sentido da verdade, da justiça e do amor fraterno.

Pensando na minha estadia na Diocese do Funchal, nestes oito anos, dou graças a Deus por tudo aquilo que foi possível fazer e viver, com generosidade e dedicação, nas diversas áreas da pastoral diocesana e em comunhão com as propostas da Igreja Universal.

Lembro, em particular, os dinamismos do Ano Paulino e do Ano Sacerdotal, a Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima (sete meses); a forte presença da Igreja na ação socio-caritativa das paróquias, Conferências Vicentinas e Cáritas, no apoio às vítimas do 20 de Fevereiro de 2010; e o plano trienal preparatório da grande Celebração Jubilar dos 500 Anos da criação da Diocese (1514- 2014), com propostas e atividades de renovação da vida interna da Igreja (paróquias, arciprestados e âmbito diocesano) e presença da Igreja no meio social e cultural, culminando este aspeto no grande Congresso Internacional sobre *“A Diocese do Funchal – A Primeira Diocese Global”*, cujas atas já foram publicadas e apresentadas, em dois grandes volumes.

Trabalhámos com gosto e alegria, não sem dificuldades, e continuamos a trabalhar com generosidade e entrega, apelando sempre à colaboração de todos, para que, em comunhão do presbitério e de todos os agentes pastorais, a Igreja aponte para caminhos de nova evangelização, anunciando e testemunhando a “Alegria do Evangelho”. Viver o presente com paixão, olhar o futuro com esperança!

Cristo, Bom Pastor, rosto da Misericórdia do Pai.

Por vontade expressa do Papa Francisco, a Igreja vai celebrar o Ano Santo da Misericórdia, como Jubileu Extraordinário, de 8 de Dezembro próximo (50º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II) até à festa de Cristo - Rei de 2016. Projeta-se diante de nós a figura de Cristo, o Bom Pastor. É Ele o rosto da misericórdia do Pai!

A grande referência para a nossa identidade sacerdotal é, sem dúvida, a imagem de Cristo, Bom Pastor. Ele alimenta e sacia a fome e a sede, as necessidades e aspirações mais íntimas do rebanho que lhe está confiado. Ele veio para servir e não para ser servido. Ele dá a vida para que as suas ovelhas tenham vida em abundância! Seja, pois, a imagem viva do Bom Pastor, rosto de misericórdia do Pai, a grande referência e estímulo para a vida de cada um de nós sacerdotes. Por Ele passa o espelho da nossa identidade e fidelidade!

Com a Bênção de Maria

Que a Senhora do Monte, nossa Padroeira, a quem nos consagramos e confiamos o nosso ministério sacerdotal, nos aponte caminhos de fidelidade e de esperança, na alegria da entrega generosa e na oferta da vida ao Pai e à Igreja. Com Maria também nós cantamos *Magnificat*: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador” (Lc 1, 46).

Funchal, 28 de Julho de 2015

†António Carrilho, Bispo do Funchal